

Roberto Garcia Simões

É professor da Ufes e especialista em políticas públicas

E-mail: roberto.simoese@ufes.br

Além dos fundos e de uma recriação do Rio Doce, é preciso informar e articular ações participativas para os dramas de vidas

Dramarco

Diante de dramas imediatos, a tônica das autoridades é acenar com fundos de dinheiro de longo prazo para “compensar” (?) a Samarco (artigo anterior). Com um nome tragicômico, a Vale propôs um “fundo voluntário”; no mesmo dia (coincidência?), os governos anunciaram que ajuizariam outro com grandiloquentes R\$ 20 bilhões. Quanto tempo ficará na Justiça?

Enquanto isso, um dos vínculos socioambientais muito sentido é as toneladas de peixes mortos e mais de 3 mil pescadores sem renda - e sem respostas ágeis -, mesmo número de empregados diretos da Samarco (Vale/BHP) que vivenciam outro drama.

O que acontecerá com os trabalhadores da empresa? Quanto ela pagará aos pescadores para sobreviverem até uma incerta “recuperação” da fauna (não sabe se e quando)? Ou a sociedade, inevitavelmente, arcará via seguro-defeso? Quanto custa o total de crustáceos mortos? Depende de laudo que pode ser contestado na Justiça? Parece que o cadastro dos pescadores está na lama; alguns correram à Justiça.

Dos incontáveis efeitos deletérios, em

um deles a Samarco foi rápida: recolher peixes mortos - para evitar um choque adicional nas cenas do desastre, sem falar do fedor.

Ainda nessa interação das vidas dos peixes e dos pescadores, há dramas que não estão no mercado: como calcular o dano da festa do robalo (Linhares) ter sido cancelada?; quanto as espécies que podem ter sido extintas valem?; como indenizar as tristezas e os choros com a morte da natureza? E as angústias quanto ao futuro do rio, do estuário e do mar alvejados pela lama?

O ecossistema não conta nas contas setoriais do desastre. O retorno dos peixes, e da renda dos pescadores, depende de uma série de condições - entre elas a flora. Por estar nos “fundos” dos rios e do mar, é pouco considerada nos danos da “recuperação”, como partes dissociadas do todo enlameado. E isso se repete para outras condições. O que acarreta a chegada da lama nas reservas de proteção, como a de Comboios?

Proliferam dados conflitantes - outro drama - sobre a água do Rio Doce, no final da semana passada: “Instituto mineiro encontra metais pesados acima do limite”. É só em Minas? Se ingerir a água tratada do rio, a saúde poderá ser afetada no futuro? Quanto vale ficar em uma fila, ou brigar por água?

Além dos fundos e de uma recriação do Rio Doce, que promete superar a de Deus, é preciso informar e articular ações participativas para os dramas de vidas.